

O papel dos intelectuais na sociedade contemporânea: o passado é uma roupa que não nos serve mais?

Presentation of the dossier "The role of intellectuals in contemporary society: is the past a garment that no longer fits us?"

Renato Soares Coutinho

Doutor em História - Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil
Professor do Instituto de História da Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil
rscoutinho@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1040-7061>

Jayme Fernandes Ribeiro

Doutor em História - Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil
Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) e do PPGH -Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), Brasil
luciojayme@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0003-6840-5178>

Vivemos tempos acelerados, sem dúvidas. Entupidos de informações e estímulos visuais e sonoros transmitidos pelo aparelho de telefonia celular, assistimos ao surgimento da era da ansiedade no mundo ocidentalizado. Tudo passa rápido. O que ontem era jovem e novo, hoje é antigo. E a necessidade de rejuvenescer se impõe através de novas tecnologias que redefinem as experiências de organização social e mobilização política.

Diante desse novo cenário construído pela revolução das formas de comunicação das redes sociais, dúvidas e incertezas sobre as antigas formas de associação política vieram à tona e estimularam debates marcados pelo pessimismo acerca do papel do intelectual nas sociedades contemporâneas. Afinal de contas, nos dias atuais, todo texto pode ser publicado. Todos são autores capazes de influenciar comportamentos ou escolhas coletivas. Qualquer ideia descabida, desprovida de verificação científica ou repleta de juízos preconceituosos pode circular de maneira bem-sucedida entre milhões de pessoas, influenciando resultados eleitorais mesmo nas mais consolidadas democracias do mundo. Se palavras são navalhas, as redes sociais são o terreno propício para os usos da violência nos debates sobre questões de interesse público.

Nesse ambiente regido pela retórica do vale-tudo, a figura moderna do intelectual ilustrado perde espaço. Prepara-

do para atuar na esfera pública regrada por contratos sociais e mecanismos de validação dos discursos, notadamente a titulação acadêmica, o intelectual se intimida diante da fluidez dos textos curtos, se assusta com as reações inflamadas às suas manifestações e hesita diante das avalanches de ataques pessoais que destroem reputações em apenas alguns minutos.

No Brasil, vivenciamos aturdidos os efeitos dessa nova forma de circulação de ideias nas últimas eleições e, especialmente, no período da pandemia de COVID-19. Ainda sem um arcabouço legal eficiente capaz de combater as *fake news*, cientistas de todas as áreas precisaram criar estratégias para combater desinformações disparadas em massa, numa luta desleal que precisou enfrentar lideranças políticas do estado brasileiro e setores da sociedade civil afeitos ao negacionismo científico e ao discurso antiacadêmico.

Diante disso, a seguinte pergunta se torna inevitável: ainda existe lugar para o debate intelectual nas sociedades contemporâneas? Respondemos com a rapidez das conversas de *whatsapp*: sim.

Para fundamentar nossa resposta positiva, recorreremos ao típico instrumento de validação dos argumentos nas ciências humanas: a bibliografia especializada sobre o tema. Nesse caso, buscamos respaldo naquele que saiu em defesa do papel do intelectual nos debates da contemporaneidade, o filósofo Norberto Bobbio.

Nas democracias modernas, que são sociedades pluralistas, o poder ideológico está fragmentado e se exerce nas mais diversas direções, algumas vezes até mesmo contrastantes entre si. (...) Em uma sociedade pluralista, o desaparecimento do intelectual, sobre o qual tanto de se fabula, é improvável: fechado um canal através do qual passava um fluxo ideológico, abre-se imediatamente um outro. (BOBBIO, 1997: 12).

Pois bem, fechado um canal de fluxo ideológico, abre-se outro. E isso podemos verificar nos últimos anos. Se na década passada levamos um susto com a ascensão de canais de comunicação ideológica repletos de barreiras para os intelectuais, hoje podemos celebrar o avanço das estratégias de divulgação dos saberes científicos. A proposta metodológica da História Pública, *podcasts*, canais de História no *youtube*, palestras de professores universitários que alcançam o mais variado espectador, enfim, variados exemplos demonstram que Bobbio teve razão em ser otimista. Nunca antes na História o intelectual moderno alcançou público tão extenso e diverso como atualmente através dos usos dessa mesma tecnologia que anos atrás

assombrou todos nós. Este dossiê carrega em sua estrutura esse otimismo. Proposto para reunir textos que tratem, a partir de diferentes enfoques, das relações entre as construções, apropriações, circulações e sistematizações dos projetos políticos e de identidade que constituem ou constituíram o imaginário social de diferentes repúblicas no mundo contemporâneo, este número vai ao ar com trabalhos que abordam intelectuais e lideranças políticas que pensam e organizam visões sociais de mundo na contemporaneidade.

A ordem dos artigos segue critérios cronológicos e nacionais. Seis artigos que abordam questões referentes à História do Brasil abrem o dossiê. Com temáticas referentes à identidade indígena na imprensa paranaense, anticomunismo nos anos 1930, cinema e Estado Novo, teologia da libertação, anistia e redemocratização, os artigos versam sobre as ações de intelectuais e sobre projetos de modernização e inclusão sociais propostos e praticados em uma sociedade marcada por altos índices de exclusão e violência política.

Os três artigos subsequentes abordam questões distintas: a institucionalização da disciplina História nos EUA, as representações da Revolução Cubana na Imprensa brasileira e os discursos de Vladimir Putin sobre a grandeza da Rússia nas celebrações do dia da vitória. Temas distantes, mas que possuem convergências teóricas e metodológicas na medida em que compartilham a premissa de que as manifestações dos sujeitos sociais através da imprensa são sistematizadoras de projetos e imaginários políticos correntes na sociedade civil.

Por fim, deixamos o convite à leitura e recomendamos a preservação do espírito otimista acerca do papel dos intelectuais e do saber científico em nossa sociedade.

Afinal, amar e mudar as coisas nos interessa mais.

Referência Bibliográfica

BOBBIO, Norberto. (1997) *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: UNESP.